

plásticas

Restany: o Brasil e a Bienal

No Rio, há já vários dias, um dos mais inquietos e fecundos críticos de arte da atualidade, Pierre Restany. Homem de vanguarda, homem de propostas abertas, homem que transforma em entusiasmo pelas possibilidades futuras de nossa cultura tecnológica a sua própria inquietação e o seu próprio desejo de dinamização do processo inventivo e criador na humanidade, Restany é por isto mesmo um homem com contradições. Para muitos que não o conhecem bem e não acompanham de perto sua atuação, chega a ser um enigma. Temos registrado no Correio tôdas as atividades e o pensamento do crítico, e uma entrevista não poderia ser de caráter estético — seu pensamento é por demais conhecido. Conseguimos, entretanto, um longo encontro, depois das maratonas que os patricios lhe prepararam, e muitos pontos foram esclarecidos. Hoje, entretanto, vamos dar o que nos pareceu o mais importante dessa presença no Brasil e na América do Sul. Antes, um paralelo que será discutível mas tem sérias conotações. Na França, ou talvez na Europa toda, Restany representa um papel nas artes plásticas — se assim ainda se pode chamá-las, ao se falar de Restany — semelhante ao papel de McLuhan e Quentin Fiore, no USA, em relação às novas formas da civilização hipertecnológica em geral. Há mesmo todo um repertório de constantes e pontos de contato entre eles.

Quentin Fiore só agora conheceu o Brasil e partiu deslumbrado por nosso país, ou melhor, por nossa gente; McLuhan, talvez comece a interessar-se pelo Brasil, influenciado por Fiore. Pierre Restany, ao contrário, já há muito é nosso conhecido, já há muito descobriu a América Latina, embora não a tropical, para muitos superada. Fomos dos primeiros a recebê-lo no Brasil. Restany é uma das personalidades internacionais que melhor já sabe de nossa participação internacional, e parece-nos incompreensível que em suas duas publicações recentes, que já analisamos — um *Livre Rouge* e



Restany ao lado de Niomar Moniz Sodré Bittencourt

um *Livre Blanc* — nos quais a América Latina não é ignorada, não se encontra praticamente qualquer consideração sobre nosso movimento cultural e nossos artistas. Dissemos-lhe abertamente isso e ele achou justa a crítica.

Restany nunca se esqueceu de nós, porém. Recentemente, foi um dos líderes mais eficientes na grande contestação internacional à X Bienal de São Paulo, como de resto a várias estruturas culturais na Europa, inclusive na França. Restany havia aceito a tarefa de organizar uma grande mostra internacional sobre arte e tecnologia para o certame paulista. Não só desistiu da tarefa, como também muito contribuiu para que os artistas franceses em geral resolvessem não enviar obras à X Bienal. Posição contra a censura, solidariedade a Niomar Moniz Sodré Bittencourt, criadora do Museu de Arte Moderna do Rio e desacórdio contra o processo das bienais paulistas.

Essa posição do crítico influenciou muito, possivelmente até os EUA, resultando no cancelamento da representação daquele país, que versaria também sobre arte e tecnologia, para provavelmente constituir o empreendimento de maior vulto e significação até hoje realizado nesse setor. Eram do nosso conhecimento diversos detalhes a respeito do grandioso empreendimento americano em São Paulo — que talvez viesse a constituir, ou mesmo afirmar, algo equiparável ao que a Semana de Arte Moderna foi para a arte brasileira, ou o Armory Show de New York para a arte americana. Quem desejar ter uma idéia do programa, que veja no *U. S. Camera World Anual 1970*, atual-

mente nas bancas de jornais, onde Stan Vanderbeek, do Centro de Estudos Visuais Avançados do *Massachusetts Institute of Technology*, faz uma ampla descrição, como uma realidade já concretizada. McLuhan, Fiore e Restany talvez parecessem pouco ousados face ao que Vanderbeek mostraria em São Paulo. Em matéria de renovação e reestruturação de grandes mostras internacionais, nada poderia ser tão radical e interessante. Diversos novos recursos preconizados por Pierre Restany no *Livre Rouge* e no *Livre Blanc* ali estariam concretizados de modo espetacular, ao lado da própria mostra internacional, de importância certamente equiparável, que o próprio Restany havia começado a organizar.

Viajando em missão do governo francês, de volta dos países do Prata, Restany vem ao Rio para avistar-se com Niomar Moniz Sodré Bittencourt, presidente de honra do Museu de Arte Moderna, condicionando essa visita à total liberdade e absolvição do processo político que envolveu Niomar. Foi enfático nesse particular. No Rio, acedeu a chamados insistentes do presidente da Bienal de São Paulo, Matarazzo Sobrinho, para que fosse a São Paulo discutir com ele bases para a possível reestruturação das Bienais, e mesmo, para apresentar um plano definido naquele sentido. Foi muito criticado por ter aceito esse convite. Mas para Restany, a Bienal de São Paulo pode e deve ser contestada, mas é importante demais para ser sacrificada. A contestação deste ano, disse, deu-lhe uma medida universal, pois que o mundo cultural desde há muito espera reestruturações de mostras paralelas, e São Paulo e Veneza são as bienais mais importantes, segundo PR.

Restany foi e apresentou um plano, mais um, que gira em torno da concepção central de uma *bienal temática*, e mais uma vez o tema é arte e tecnologia. Com a bienal de tema, os organizadores da mostra dirão a todos os possíveis participantes individuais ou grupos de participantes de todos os países convidados a comparecer, que gênero de trabalho está programado e espera-se deles. Se oficializada a sugestão, o fruto da competência excepcional de Restany e o fruto da grande experiência semicoletiva americana, será, em 1971, o programa nivelador e disciplinante de toda a bienal paulista. A participação universal não aparecerá mais no modo incoerente que estamos acostumados a ver. Esperemos que o governo que financia a mostra, Matarazzo que a dirige livremente e os aspectos diplomáticos que contam, deixem a idéia germinar. Em primeira mão damos abaixo o plano apresentado por Restany à Bienal de São Paulo.

SÃO PAULO: PROJETO DE BIENAL DE TEMA

1 — Princípio

Uma comissão de *experts* escolhe o tema da Bienal, reúne as obras destinadas a ilustrar esse tema e redige um livro coletivo sobre o tema escolhido.

2 — Método

a) seleção da comissão internacional de *experts*

— a comissão será composta de 10 membros, 5 sul-americanos e 5 internacio-

nais representando o resto do mundo. A divisão será de ordem geográfica;

— 5 *experts* internacionais: 2 representantes da Europa do Oeste; 1 representante da Europa do Este; 1 representante dos Estados Unidos e 1 representante do Oriente.

— 5 *experts* sul-americanos: 1 brasileiro, 1 argentino, 1 mexicano e 2 outros de livre escolha.

b) Convites pessoais

— A lista dos *experts* internacionais poderá ser composta da seguinte maneira: Eduard de Wilde, Pierre Restany, Richard Stanislaeski ou Jiri Kotalik, G. Kepes e Nakahara.

— A lista dos *experts* sul-americanos poderá comportar os nomes de Mário Pedrosa ou Jayme Maurício (Brasil) e Romero Brest (Argentina). Os outros convidados serão de livre escolha da direção da Bienal.

c) Processo de Organização

— O presidente da Bienal envia uma carta aos diversos *experts* enunciados acima, convidando-os para participar de uma reunião de organização de uma *Bienal de Tema*.

— O lugar da reunião poderá ser Paris ou São Paulo, por escolha dos convidados.

— Os convidados deverão responder num prazo de um mês, a partir da remessa das cartas.

d) Projeto para a carta-convite

Senhor:

Na perspectiva de uma evolução da Bienal de São Paulo e paralelamente às suas estruturas tradicionais, seria feliz de convidá-lo para participar de uma reunião de organização que terá por objetivo fixar as bases de uma exposição de tema para 1971.

O tema geral poderá ser Arte e Tecnologia. Mas isso trata-se de uma simples sugestão da minha parte. A escolha definitiva do tema será incumbência sua, bem como a situação das obras destinadas a ilustrá-la. Enfim, o senhor participará igualmente da redação coletiva de uma obra, que tratará do tema que for escolhido.

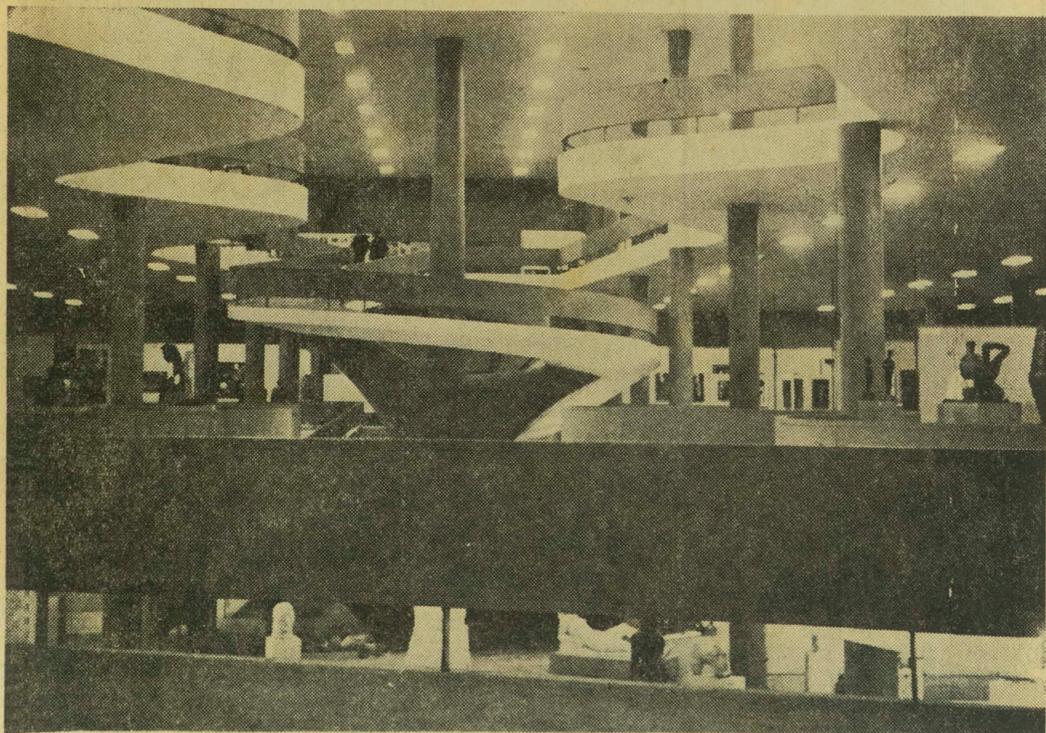
O lugar da reunião poderá ser, de acordo com a sua escolha, São Paulo ou Paris. Sua resposta deverá chegar às minhas mãos no prazo de um mês a partir da data de remessa da presente carta.

Os *experts* internacionais e sul-americanos aos quais estou me dirigindo simultaneamente com o senhor são os seguintes (lista dos nomes da comissão de *experts*).

Atendendo a sua pronta resposta e agradecendo antecipadamente a sua preciosa colaboração, peço-lhe acreditar, caro senhor...

(assinado: F. Matarazzo)

Jayme Maurício



Bienal de São Paulo: uma quase feira de 60 países que à la diable vai ganhando interesse quase diplomático. Reestruturada e livre será o grande instrumento cultural da América Latina.